

INTRODUÇÃO

O DESASSOSSEGO DA FICÇÃO

A poesia [é a escrita] onde as palavras podem ter um sentido bastante diferente do que diz o léxico, onde a fagulha metafórica está sempre um passo adiante da função de decodificação, onde uma outra leitura, imprevista, é sempre possível.

Nenhuma outra saída além da morte é uma marca e talvez mesmo uma definição do trágico.

J. M. Coetzee, *Diário de um ano ruim*

A VIDA, AINDA QUE valha mais do que as palavras, não vale sem elas. Não é exagero, portanto, dizer que a literatura, resultado da palavra, responde pela mediação entre o que se imagina e o que se deseja; o que se consegue realizar e o que deveria ou poderia ter sido feito.

Ao se encharcar de vida e pensamento, as palavras se põem em estado de leitura e, assim, podem servir aos homens para refletir sobre o prazer e o viver, “encargo de pouco proveito e muito desempenho, não nos dando por ora lazer para nos ocuparmos de aumentar a riqueza, a beleza e a expressividade da língua”, como afirma o narrador de “Hipotrélco”, texto de *Tutameia* (Guimarães Rosa, 1967: 64). Mesmo na atualidade, em que, de modo geral, descuida-se da vida no cotidiano, solapada por violência incontrolável e pela cultura do dinheiro e da celebração da imagem, a literatura ainda se destaca como um convite à meditação. Seja no exercício da pesquisa e do magistério, seja na leitura por puro prazer, confesso ter encontrado romances – rótulo aparentemente inadequado em relação a vários dos textos aqui aludidos – que me encantaram pela criatividade, as indagações suscitadas e a capacidade de emocionar.

Trata-se de textos que me marcaram por sua densidade e a capacidade de abordar questões candentes da vida atual, entre as quais o desespero, a fragilidade e a solidão que afligem grande contingente da população do planeta, contraditoriamente enlaçado a fantástico avanço tecnológico e a novas e incessantes promessas de progresso e abundância, assim como à crise mundial que, nos três últimos meses do ano de 2008, não pode ser escondida sob o elogio do livre mercado. Nos tempos que correm, meditar sobre o que tais textos querem dizer, os quais, seguindo um rastro de Fernando Pessoa, nomeei de *ficções do desassossego*, foi uma ocupação que me envolveu nos últimos três anos. Durante esse período, realizei sob a chancela do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Universidade Federal Fluminense o projeto “O pensamento trágico e as ficções da crise”, de que resultou este livro, cujos capítulos procuram vincular aos sentimentos por eles provocados a literatura e o processo de crise que se estabeleceu de modo mais claro no panorama global na virada do século XXI.

No cenário transformador do modernismo internacional, Fernando Pessoa, em seu heterônimo Bernardo Soares, legou-nos *Livro do desassossego*, no qual registrou fragmentos de ensaio e memória, instantes ficcionais. O texto se constitui numa espécie de diário, matéria híbrida em que o mundo circundante e potente sensibilidade narrativa dão ao leitor a possibilidade de aceder a uma belíssima obra, cuja capacidade de transformação não cessa de ser assinalada. O narrador principal, mas não exclusivo, das centenas de fragmentos que compõem o livro, chamado pelo heterônimo de “autobiografia sem fatos”, apresenta-os sem encadeamento claro e sem noção definida de tempo. Leem-se apenas narrativas de vários tipos – fulgurações, reflexões, devaneios, confissões da intimidade – que deixam ver uma subjetividade sem ponto de repouso, em desdobramento e contínua metamorfose.

Uso a expressão *ficções do desassossego*, portanto, para designar as narrativas que desenvolvem, desde as três décadas finais do século XX, uma perspectiva crítica (e de crise) em contraponto com os paradigmas fundadores do romance (iluministas e românticos). Essa perspectiva remete à abertura de novos horizontes formais, temáticos, conceituais e éticos, pois tais textos, ainda que não sejam “ficções da crise”, falam de um dos sentimentos fundamentais provocados sempre que essas se aprofundam de maneira dramática: o desassossego.

Tais ficções, como as concebemos, abrangem não apenas a fronteira finissecular mencionada, mas também outra estabelecida na passagem do século XIX ao século XX. Nos dois momentos, refiro-me a textos de passagem que se

realizam na tensão e na intensa metamorfose do paradigma da modernidade, embora não propriamente em momentos de ruptura. São obras brasileiras ou estrangeiras extremamente criativas que provocaram alterações substanciais no horizonte de expectativas e de produção que serviu de norte aos textos matriciais do Iluminismo e do romantismo, retomados por uma reflexão pertinente e prenhe de sentidos. Assim, pode-se dizer que, nas obras aqui abordadas, o ficcional se produz como imaginação histórica e supera os horizontes do determinismo, do historicismo, do nacionalismo e da etnia em sentido estrito, mesmo quando se alude à matriz desses traços apenas de modo latente.

Em outras palavras, trata-se de ficções que discutem, em cada um dos romances, a marcha da razão na modernidade ocidental desde o projeto iluminista, ou seja, a construção ficcional é fundamento de reflexão crítica extremamente válida, porquanto “pode meditar sobre a diferença entre o que vem e o que poderia vir, bem como entre o passado e o presente” (Moreiras, 2001: 30). Sua forma estética porta um compromisso que não deixa de lado a qualidade da escrita (nutrida pela força da autorreferencialidade da linguagem artística), nem a reflexão sobre os desacertos do mundo em face da condição humana para a qual a arte também remete.

Nesses termos, ver a ficção como imaginação histórica equivale a dizer que ela se faz mediadora entre o estético e o político, já que compartilha um elemento com ambos: o fato de que, ao encontrar as ruínas do pensamento, torna-se ruminação e se revela tanto reflexão quanto crítica, outro modo de dizer que ela se realiza como algo novo que brota “dentro das ruínas do pensamento”.

A lei, a burocracia e o aparato judicial são motivos que atravessam essas obras, algumas vezes de forma direta. Em contenda com eles, seus personagens são seres à deriva, mergulhados na conturbada trajetória das crises, à mercê de um processo de desumanização. O teor cruento de algumas passagens é uma forma de rasurar o próprio naturalismo, que se adensa e estimula no leitor, pela desarticulação sofrida, a sensação de sentir-se mareado em terra firme. Enfatizam-se o abismo da razão e o fio da navalha em que esses personagens estão inseridos. Localizados em situações limítrofes, eles protagonizam, nos riscos corridos, versão não heroica da existência. Fragmentados, tornam-se como que traços espacejados de uma vontade de sobreviver.

À medida que prosseguem sua luta, estilhaçam a ideologia que fabricou a crença na finalidade de um mundo burguês: ser “feliz” à custa de “quaisquer meios”, se necessários. Justamente aí avulta a própria vida, revivida como presença cuja temporalidade básica é o agora. Retirada a primeira letra do deus que pretendem ser, os homens se defrontam com uma pluralidade ambígua

e com a contingência de sua fragilidade, sinais de uma existência na qual se encontra registrada, sem retoques, a dimensão da falta como algo inalienável à sua condição.

O sentido do agora e a instabilidade de que isso pode se revestir estiveram também presentes numa das manifestações artísticas mais caras ao mundo grego: a tragédia. Fruto de um momento da história ateniense, a tragédia grega surgiu numa época em que três elementos se tornaram matéria de nova forma artística: a ascensão vertiginosa da *pólis* numa vida até então inexpressiva, o expansionismo imperial e a hostilidade de Esparta, com a consequente Guerra do Peloponeso.

A tragédia, naquele momento, funcionou como um canal emissor de problemas e de reflexões sobre eles; forneceu para o cidadão uma infra-estrutura mental que lhe permitiu uma atuação que se realizou não sobre o que fosse ou teria podido ser, mas sobre aquilo que, embora não sendo, poderia vir a ser. Em outros termos, na tragédia ateniense encontramos uma simulação de um conhecimento geral aplicado a uma determinada situação (Barbosa, 2002: 29).

Na prática, essa atuação do teatro sobre a grande massa, diz Teresa Barbosa em seu estudo sobre a catarse, teve o poder, ainda que por via ficcional, de situar a cultura popular ao lado da cultura das elites, o pensamento tradicional e mítico ao lado de coisas muito diversas. Na tragédia, tudo surge como um mundo condensado, amalgamado ante os olhos do espectador.

Tratando-se do tempo em que se passam os romances que denominamos de ficções do desassossego, cujo cenário é de grave inquietação, podemos encontrar uma dinâmica de sentimentos que lembra a desmedida trágica, ainda que neles não se disponha dessa espécie de atuação da literatura sobre a massa. Ela ocorre pela mídia e pelas demais formas que constituem a indústria cultural. Ainda segundo Teresa Barbosa, ao contrário do que acontece no tempo da tragédia, o “mundo condensado” que chega ao espectador contemporâneo veicula não uma espécie de conhecimento do geral, aplicado a uma determinada situação, mas um conhecimento específico: o da cultura do simulacro, em que se instala e se isola o personagem, como se estivesse numa ilha, imagem, ele próprio, do fragmento e das ruínas.

É nesse mundo que o texto ficcional desempenha a possibilidade de ser a expressão linguística de um trauma, embora essa mesma expressão implique uma ambiguidade. “O pior tem que permanecer não-dito”, mas sua “expressão linguística abre a possibilidade de trabalhar o trauma” (Kramer, 2002: 119). Como se, na linguagem da ficção do desassossego, encontrássemos um subs-

tituto para a ação e, nessa situação, os atos de contemplar, observar e pensar na trama das palavras, no dialogismo provocado por textos argutos, fizessem as vezes do movimento, tornando possível andar, ou mesmo viajar, sem sair do lugar.

Com efeito, os textos romanescos em questão caracterizam um profundo esforço que vem sendo levado a cabo por diversos escritores: entender melhor o presente, seus desafios e entraves. Trata-se de narrativas que se constituem como uma construção romanesca em forma de *passagem*; que rememoram, a contrapelo, o trágico clássico, pelo qual, na Grécia, processou-se a conjunção entre mito e racionalidade. Em nossa modernidade tardia, em que o trágico não tem lugar como tal, retomar-lhe ressonâncias guarda o poder de questionar um mundo de violência anômala que, pela forma oblíqua e a rememoração irônica do artista, dá voz, no silêncio e na ambiguidade de obras magníficas, a personagens que se encontram à margem. Não mais heróis em desgraça e falha trágica, e sim vidas desperdiçadas. Dessa situação marginal, de fronteira, de passagem inquieta que lhes é circunscrita pela violência do mundo, tais personagens, cercados de *hybris*, exercem sobre os leitores a capacidade de lhes instigar o senso crítico.

Creio que, em muitos casos, aquele que lê se veja impelido a sair de sua costumeira passividade. Ao contemplar personagens construídos no trato com as ruínas, o leitor acaba por munir-se de um olhar alegórico, olhar que se manifesta capaz de desvendar um tesouro de sentido em que o fragmento, o caco e a ruína fazem “falar o outro” recalcado pela violência de uma urbanidade que banalizou o mal. Como disse, os textos literários que escolhi abordar ofereceram-me personagens fascinantes que, por força do que pode a ficção, passaram a fazer parte de minhas expectativas e de minha sensibilidade.

O engenho narrativo com que foram construídos também é digno de nota e faz com que seus autores se singularizem, grandes mestres da escrita que não se esquivam de tratar questões contemporâneas e muito delicadas. Nas obras que estudei, vejo, por exemplo, o cuidado com o mundo por parte de escritores como John Maxwell Coetzee, cuja realização invulgar muito tem me impressionado. Sua força criativa me atrai, entre outras características, pela forma como pensa (e expressa) a questão da ética e dos valores no mundo em que nos cabe viver, neste momento tão instigante quanto, muitas vezes, desagradável do planeta.

Obras como a dele constituem uma produção que, embora revele um panorama de dor, não perdeu de vista o alento da utopia. Ao menos não a descarta com a alegria dos irresponsáveis, pois a concebe em contato com o horizonte do precário e, por isso, consegue escapar do ufanismo, do idealismo

e do devaneio imobilista. Ainda que a frase pareça romântica – e por que não? –, trata-se de livros que, partindo de muito perto de nosso desconforto atual, respirando o ar rarefeito de um momento conturbado, conseguem tocar o coração dos homens.

Hannah Arendt, sobretudo em *Rahel Varnhagen* (1958), belo texto sobre o Iluminismo e o primeiro romantismo alemão, aborda com profundidade algo que esta introdução apenas anuncia. Ao alertar para os perigos de um idealismo acirrado, ela ressalta que não se deve apartar do mundo o ato de pensar, como se a reflexão fosse um refúgio para o desconforto humano ou o exclusivo debruçar do pensamento sobre si mesmo. Com elegância e argúcia, examina então a importância do princípio de realidade, que se encontra afastado da autorreferencialidade do idealismo. A prova da experiência, a disposição de viver o cotidiano com seus temperos e destemperos, ou mesmo a necessidade de garantir, para si mesmo e para os outros, a sobrevivência evitam que se tomem o pensamento, as ideias e a vivência do mundo como territórios inconciliáveis; ou que se diga que eles devem permanecer separados do aqui e do agora, vale dizer, revelando que cabe ao pensamento contaminar-se da realidade dos objetos e mergulhar nas camadas complexas do “já”.

Seja como for, e como “tudo passa, tudo passará”, a vida supera a morte e nos integra na cadeia inestimável que liga o hoje aos dias seguintes. Com prazer e esperança de diálogo, entrego ao leitor estas reflexões sobre o desassossego, com que lidei valendo-me de matéria candente, isto é, tornando a inter-relação entre a literatura e a existência uma maneira pública e pessoal de resistir ao isolamento acadêmico e por em suspenso as bordas da aflição; como se, de relance, tendo o espelho refletido o rosto querido do outro em minha própria face, encontrasse entre achados, perdidos e metamorfoses uma escrita que trata de algumas formas estéticas em sua interação com o mundo atual.

A LEITURA EM QUESTÃO se registra em treze capítulos, nos quais minhas intuições se contaminam de um aparato conceitual que, creio, não tenta sufocá-las. No primeiro desses capítulos, chamado “O silêncio, o alarido e o cosmopolitismo”, pretendo tornar inteligível o que procurei indicar com a expressão *ficções do desassossego*. Tema de todo o livro, o assunto retorna nos demais capítulos sob a forma de comentários críticos de textos específicos, publicados quase sempre nesta e nas últimas três décadas.

O segundo capítulo, “Mantos de seda e franjas de algodão”, aprofunda a discussão em torno da ideia de que as ficções do desassossego tiveram precursores em outros momentos da construção da literatura ocidental. Nele, discutem-se também as intervenções da literatura em face da razão, em contraponto com a ética e a política, focalizadas com ironia e ceticismo, a exemplo da ficção de Machado de Assis. De fato, o “bruxo do Cosme Velho” antecipa o exame dos temas da solidão, do esvaziamento da subjetividade e da metáfora da corrosão, questões que insistem como desafio à criatividade da literatura e da crítica tanto brasileira quanto estrangeira.

Em “De mares, ilhas, terras e lugares”, abordo a relação entre a ficção e aspectos da sensibilidade contemporânea, a que Zygmunt Bauman tem denominado de “modernidade líquida”. Ao focalizar a copa do mundo de 2006 e o futebol de resultados que nela se produziu, compara-se esse fenômeno ao estado de exceção, abordado pela literatura, em que o cidadão tem sido privado de direitos.

O capítulo seguinte, “O cuidado do mundo”, examina de que modo a literatura dos últimos trinta anos revela não só a obliteração da importância do indivíduo, preso a redes, tramas, traumas, simulacros, como também a via pela qual essa mesma literatura tem tornado dinâmica uma reflexão libertadora: textos em que pensar, olhar e andar tornam-se ideias em migração, no tempo e no espaço, de uma nova forma de conceber o sujeito e a subjetividade.

O quinto capítulo, “O intelectual e as cadeias de papel”, discute, com base numa advertência de Hannah Arendt, os riscos de o intelectual, a arte e o pensamento se isolarem do mundo. Arendt afirma que estes, precisamente por se afastarem do mundo para refletir sobre ele, podem se desinteressar pelo que nele se passa, entrincheirando-se em si mesmos. O texto enfatiza essa importante observação, uma vez que a sensação de vazio e a violência do espetáculo do mundo lançam sobre os produtores e os leitores de literatura o desprestígio da atividade, em face da crise de valores e do gosto pelo mero jogo e artifício de linguagem na construção da literatura.

“Literatura e utopia em crise”, por sua vez, examina na literatura da época exemplos em que personagens (marcados por um acento que os aproxima ora do grotesco, ora do trágico, no sentido da falta e do silêncio diante da violência com que se confrontam) fornecem os meios para questionar o problema da solidão e da ausência de perspectivas na “cultura do dinheiro”. Detém-se também no exame de que, no bojo dessa voragem de dor, determinados personagens acham-se submersos numa atmosfera de desencantamento e violência, como Michael K., de *Vida e época de Michael K.*, Lucy, de *Desonra*, ambos escritos por J. M. Coetzee, ou ainda Coleman Silk, de *A marca humana*, de Philip Roth.

No sétimo capítulo, chamado “Obstáculos miúdos e maus antecedentes”, acompanho a movimentação da figura do migrante como tema e personagem narrativo, abordando, comparativamente, duas obras: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, realizada no momento áureo do modernismo, e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, surgida em 1977. Nesse cotejo, sugere-se que o texto de Lispector, ao reclamar de modo sutil as narrativas de Graciliano Ramos em que se destaca a figura do migrante nordestino pobre, reinscreve-a noutra patamar. Ao confrontá-la com outras formas de conceituar História e história, processa, numa migração de sentidos, a releitura do modernismo pela modernidade tardia, à luz das ficções do desassossego que examinam hoje a categoria de *vidas desperdiçadas*.

“Nós, eles, eu: matizes da solidão” aborda a obra *A marca humana*, de Philip Roth, e a relação da ficção dos últimos anos com a tradição do *pensamento trágico*. Revela como Roth acentua, para seus leitores, a condição hostil e problemática em que se encontra o indivíduo em épocas ao mesmo tempo muito férteis e muito dolorosas, nas quais a humanidade “muda de pele” ou desdobra, por diferentes veredas, caminhos até então trilhados. Com foco no protagonista, examina-se o período de intensa metamorfose do paradigma da modernidade, no qual, desde os anos 1970 parece se acentuar o que, cada vez mais, embrulhamos sob os rótulos abrangentes e pouco esclarecedores de pós-modernidade e pós-modernismo, termos cujo teor começa a ser descortinado no capítulo anterior.

O nono capítulo, “Uma conversa entre macacos”, não só investiga como J. M. Coetzee aborda, de forma notável, as fronteiras que o pensamento lógico ocidental tem estabelecido entre as dicotomias razão e emoção, e homens e animais, como também observa o modo pelo qual esse autor, de forma acre e irônica, problematiza determinados aspectos do relacionamento acadêmico. Discute-se, assim, como *A vida dos animais* retoma, numa escrita em palimpsesto, o macaco Pedro Vermelho, personagem do conto “Um relatório para uma academia” (1919), de Franz Kafka. Esse intertexto provoca novos efeitos de reflexão sobre a racionalidade instrumental, entendida como uma das formas assumidas pela razão em que há prevalência de determinada concepção do saber, em detrimento de outras formas do pensar. Tais questões são relacionadas a outro texto do autor, *Diário de um ano ruim*, de 2007. Essa ficção de Coetzee retoma a série de preconceitos (envolvendo os pontos de contato e de diferença entre os homens e os animais) que o autor fustigara em *A vida dos animais*.

Para aprofundar essa questão, que implica também o atual descarte de alternativas para a convivência, o décimo capítulo, denominado “Estranhos

no ninho”, examina outros textos do autor, cuja escrita forte e perturbadora pouco a pouco ganhou primazia em meu livro. Entre esses textos, destacam-se *Vida e época de Michael K.* (1983), *Desonra* (1999) e *Elizabeth Costello* (2003), nos quais Coetzee focaliza a relação entre as estratégias da modernidade em tempos de globalização e os modos de pensar a crise artística e social que essa transformação tem gerado. Tais narrativas são cotejadas com os livros de Graciliano Ramos e Clarice Lispector estudados no capítulo seis, examinando-se a errância empreendida por seus personagens, a fim de mostrar que, nas ficções do desassossego do cenário contemporâneo, a vida, a literatura e a linguagem tornam-se representantes de um desterro nômade.

“Sobre literatura e afeto: apontamentos” parte do exame de três obras de João Gilberto Noll, *Bandoleiros*, *Lorde* e *Berkeley em Belaggio*, para discutir como, em cada uma delas e na comparação entre elas, o autor aborda uma das mais preocupantes mazelas do homem contemporâneo: sua falta de rumo, isto é, a perda cada vez mais grave do contato com o outro e o consequente esvaziamento da subjetividade, do erotismo e da capacidade de autorreflexão. Seus personagens se debatem em face da dificuldade de manifestar afeto, pois estão fechados em condições quase autistas de recusa da sociabilidade.

“Quem conta um conto, aumenta um ponto”, décimo segundo capítulo, analisa o romance *Jardim Brasil: conto*, de Ronaldo Lima Lins, que discute, tal qual os textos de Lispector, Roth, Coetzee e Noll comentados neste livro, os valores da arte, com raízes na vanguarda narrativa dos modernistas e as sendas para a ficção abertas por eles. Discute também, à luz da metamorfose da narrativa, como esses textos empreendem uma reflexão acerca do poder que a arte tem de, desde os anos de 1960, questionar a extrema mutabilidade do cenário contemporâneo no Brasil e no mundo. Por fim, alude à forma criativa com que *Jardim Brasil: conto* critica a onipotência, a arrogância e mesmo a cegueira das formas despóticas do poder.

O último capítulo do livro, “Literatura como passagem”, busca jogar um pouco mais de luz no horizonte sempre ambíguo de uma forma artística, a motivação trágica, com que as ficções do desassossego tratadas ao longo do livro dialogam. Nesse sentido, procura articular a narrativa literária com formas de arte no mundo grego, ou seja, descerrar outras formas possíveis de o ficcional se relacionar com o pensamento, a razão e os processos de crise. O décimo terceiro capítulo, portanto, reflete sobre a hipótese teórica e metodológica que comenta alguns romances contemporâneos, cuja filiação, tanto literária quanto ideativa, permite reuni-los sob uma metáfora-conceito para expressar um dos sentidos para a literatura de hoje. Em outras palavras, defende que, na atualidade, a literatura como forma estética se revela, sobretudo,

como uma *passagem* entre outras formas estéticas que, em sua historicidade, caracterizam-se por ocupar um lugar no tempo e no espaço das vicissitudes dos homens, permitindo ler sua história como algo não linear.

Isso quer dizer que a literatura, como pode ser focalizada em várias das obras comentadas, é uma força que se move a contrapelo do tempo historiográfico, como sugerido por Walter Benjamin. Sendo assim, ela expõe ao olhar contemporâneo os riscos da interação entre o projeto de progresso e sua secreta vocação para lançar no desastre o que se move contra ele e a cultura do dinheiro. Como textualização desse modo inquieto de ser, dessa passagem que, de fato, não passa, mas constitui uma forma de mediar e intermediar, a literatura tratada neste livro aponta para o torvelinho em que se enredam vidas, sonhos e desejos, revelando, com delicadeza, ironia e força, a fome dos homens por amor e cuidado.

OS CAPÍTULOS AQUI REUNIDOS foram redigidos para integrar este livro, tendo nascido das atividades de magistério e pesquisa, uma vez que se basearam em reflexões seja para cursos ministrados na pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), seja para palestras e aulas proferidas em outros lugares, do início do primeiro semestre de 2006 ao fim do primeiro semestre de 2009. Acolhem os resultados da pesquisa financiada pela Bolsa de Produtividade, concedida a mim, para o triênio de março de 2006 a fevereiro de 2009, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e seus pareceristas anônimos *ad-hoc*, aos quais manifesto meu apreço pelo renovado apoio, que já me permitiu organizar e financiar, na condição de líder do Grupo de Estudos Nação e Narração, oito seminários e quatro publicações coletivas.

Durante a realização da pesquisa anunciada nestas páginas introdutórias, contei com a ajuda de amigos e familiares, colegas e alunos e ex-alunos dos cursos de Letras da UFF e de outros cursos e universidades, além dos integrantes do Grupo de Estudos Nação e Narração, criado em 1995. Na impossibilidade de mencionar cada um deles, presto homenagem especial a minha mãe, Regina Thomaz Helena, na lucidez e no afeto dos seus 87 anos.

Agradeço profundamente às queridas amigas Maria da Glória Bordini, leitora atenta, inteligente, companhia de mais de vinte anos de lides acadêmicas e de parceria fraterna, e Denise Brasil Alvarenga Aguiar, tão fiel a causas e a pessoas, assídua e generosa companheira de liderança do Grupo de Estudos Nação e Narração, e de lutas pela melhoria do ensino em nosso país; a Roberto Perelmanis,

pela escuta tão fraterna, generosa e sensível; a Milton Rabinowits que mantém vidas pela chama do afeto, da solidariedade, do humor e da competência; ao meu editor, o querido Luiz, a gratidão pelo cuidado e excelentes sugestões; e ainda aos colegas que me convidaram a expor ideias em diversos plenários nacionais e internacionais, e às revistas que publicaram as versões iniciais de alguns dos textos aqui reunidos.

Dedico esta publicação a Francisco Helena Neto. Para os íntimos, ele é o *Quico*. Mano, este livro – assim como meu afeto – é seu.

Leblon, maio de 2008; junho de 2010.